

Happily Ever After

Hugo Brazão

Fevereiro 2025 - Balcony Gallery

[PT]

Em *Happily Ever After*, Hugo Brazão explora a relação entre o otimismo, a apatia e a obsessão cultural pelo progresso linear. Partindo do conceito de “otimismo cruel”¹ de Lauren Berlant, a exposição desconstrói a crença generalizada numa resolução final—um ponto singular em que tudo finalmente se alinha. Em vez disso, o trabalho de Brazão posiciona este ideal como uma ficção insustentável, um enquadramento narrativo que obscurece os padrões cíclicos inerentes à experiência humana e reforça as pressões de uma positividade tóxica: a imposição social de manter o otimismo e a ilusão de que o esforço individual, por si só, pode superar desafios sistémicos.

A exposição apresenta uma série de esculturas de parede de pequena escala, que materializam narrativas imaginadas: um cão preso num anseio perpétuo enquanto observa pela janela (*FOMO*); um urso absorto num livro sobre tomada de decisões, mas irremediavelmente distraído; ou gestos evocativos de afastar o azar, como bater na madeira ou cruzar os dedos. Estas obras funcionam como artefactos especulativos de uma psicologia coletiva moldada por condições de precariedade.

No núcleo da exposição está *Happily Never After*, uma instalação em têxtil que evoca os ritmos cíclicos do calendário lunar. Contrariando o encerramento linear prometido pelos finais de contos de fadas, as fases da lua sugerem uma interação contínua de crescimento e declínio, de renovação e desgaste. Esta referência cosmológica desestabiliza a narrativa do tempo como um trajeto unidirecional, propondo, em vez disso, uma lógica temporal de retorno e renovação. Aqui, o ciclo lunar torna-se uma metáfora para uma contra-narrativa—uma que resiste à resolução e celebra a persistência da incerteza e do fluxo.

Ao posicionar gestos de esperança e atos de manutenção como mecanismos de estase, em vez de mudança, o trabalho de Brazão reflete uma luta coletiva com a incerteza, expondo as tensões entre os ideais culturais e as realidades de aspirações inacabadas e cíclicas. O que persiste quando a promessa do “felizes para sempre” se dissolve numa repetição infinita de finais adiados?

¹ No seu livro *Cruel Optimism* (Duke University Press, 2011), Lauren Berlant investiga as dinâmicas afetivas que ligam os indivíduos a objetos de desejo que, embora prometam satisfação, perpetuam estados de suspensão e impedem a realização plena. Exemplos disso incluem a busca incessante pelo equilíbrio entre vida pessoal e trabalho num modelo económico que exige produtividade constante ou a ideia de que a felicidade depende exclusivamente da concretização de um ideal romântico. Esta análise não nega o papel evolutivo do otimismo como viés cognitivo que promoveu a adaptação humana perante o incerto.

[ENG]

In *Happily Ever After*, Hugo Brazão interrogates the relationship between optimism, apathy and the cultural fixation on linear progress. Drawing on Lauren Berlant's notion of "cruel optimism"², the exhibition unravels the pervasive belief in an ultimate resolution—a singular point where everything will finally align. Instead, Brazão's work positions this ideal as an untenable fiction, a narrative framework that obscures the recursive patterns of lived experience and reinforces the pressures of toxic positivity: the societal insistence on maintaining optimism and the illusion that individual effort alone can overcome systemic challenges.

The exhibition features a series of small-scale wall-sculptures, making use of imagined narratives: a dog locked in perpetual longing as it gazes out a window (FOMO); a bear engrossed in, but distracted from, a book on decision-making; or evoking gestures of warding off misfortune, like knocking on wood crossing fingers. These works function as speculative artefacts of a collective psychology shaped by precarious conditions.

Central to the exhibition is *Happily Never After*, a large-scale installation invoking the cyclical rhythms of the lunar calendar. Unlike the linear closure promised by fairy-tale endings, the moon's phases suggest an endless interplay of waxing and waning, decline and renewal. This cosmological reference destabilises the narrative of time as a one-way trajectory, instead proposing a temporal logic of return and repetition. Here, the lunar cycle becomes a metaphor for a counter-narrative—one that resists resolution in favour of embracing the persistence of uncertainty and flux.

By exploring gestures of hope and acts of maintenance as mechanisms of stasis rather than change, Brazão's work reflects a shared struggle with uncertainty, highlighting the tensions between cultural ideals and the realities of cyclical, unfinished aspirations - what remains when the promise of "happily ever after" dissolves into an infinite regress of deferred endings?

² In *Cruel Optimism* (Duke University Press, 2011), Lauren Berlant investigates the affective dynamics that bind individuals to objects of desire which, despite promising fulfilment, perpetuate states of suspension and prevent full realisation. Examples include the relentless pursuit of work-life balance within an economic model that demands constant productivity or the belief that happiness depends solely on the fulfilment of a romantic ideal.

This analysis does not negate the evolutionary role of optimism as a cognitive bias that has supported human adaptation in the face of uncertainty.